

## **ÍNDIOS GUARANIS: SERIA A DIVERSIDADE ARQUEOLÓGICA DAS VASILHAS CERÂMICAS UM PARÂMETRO ÉTNICO?**

André Luis Ramos Soares<sup>1</sup>

### **RESUMO**

Este artigo busca apresentar uma abordagem já iniciada em arqueologia Guarani, que é a tentativa de estabelecimento de relações entre as pinturas encontradas nas vasilhas cerâmicas e possíveis níveis ou âmbitos interpretativos. Em artigos anteriores, tenho defendido que a diversidade étnica dos grupos denominados Guaranis parte da abordagem arqueológica, muitas vezes oriunda de uma classificação linguística, que tem considerado todos os falantes da língua Guarani como pertencentes a um grupo étnico denominado “Guarani”. Se em termos arqueológicos estes grupos compartilham de diversos elementos comuns, tendo como principal distintivo o “fóssil guia” da cerâmica corrugada, por outro lado há que se perceber que a arqueologia brasileira enquanto disciplina já possui maturidade para buscar elementos de análise mais “finos” a fim de perceber o que em níveis históricos e antropológicos já é bem conhecido, que são as parcialidades Guaranis. Aqui apresento uma proposta para analisar pequenos conjuntos de cerâmica pintada em vasilhas inteiras, na busca de uma relação entre os motivos das pinturas e a região onde são registradas, buscando estabelecer uma relação entre pinturas e grupos étnicos e espaciais.

**Palavras-chave:** Guarani, cerâmica, pintura, parcialidades, história.

### **INTRODUÇÃO**

A arqueologia Guarani deu um grande salto quantitativo e qualitativo desde o começo do século XXI. As análises mais tradicionais que privilegiavam critérios largamente utilizados durante o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – PRONAPA, como tratamento de superfície, tipo e tamanho do antiplástico, tipo de queima do fragmento, parte da vasilha, etc., deram lugar a análises físicas químicas, como lâminas petrográficas, análise de argilas e assinaturas químicas, que ampliaram não somente a análise dos materiais, mas também impuseram métodos das ciências duras para a abordagem dos materiais arqueológicos, muitas vezes pensados somente a partir de uma visão antropológica e/ou histórica.

---

<sup>1</sup> Doutor em Arqueologia (MAE-USP), Professor Adjunto do Dep. de História – UFSM. E-mail: [alrsoaressan@gmail.com](mailto:alrsoaressan@gmail.com).

Muito embora estas análises sejam positivas e necessárias para outras tantas perguntas e respostas sobre a arqueologia Guarani, o objetivo deste trabalho é retornar alguns pressupostos nos quais pensamos ter avançado, que é a necessidade de abordagens que considerem os grupos Guaranis como coletividades, ao invés de uma unidade, como diversos trabalhos têm apresentado. Se houve um imenso avanço na abordagem ecológica de Francisco Noelli (1993) em apontar os Guaranis como portadores de uma complexa e imbricada rede de manuseio ambiental, que permitiu não só a comprovação bibliográfica da tese de enxameamento colocada por Brochado (1984), mas principalmente a comprovação, mesmo que bibliográfica, da tese de “sociedade da fartura”, ao invés da “sociedade da fome”, ideia que ficou consagrada pelas propostas de Meggers e Evans nas áreas de florestas equatoriais; por outro lado, ainda se confunde a unidade linguística dos falantes da Língua Guarani com uma pretensa unidade dos mesmos em termos culturais, não somente olvidando as questões históricas já sobremaneira conhecidas como também protelando o trato no âmbito antropológico, uma vez que a antropologia reconhece pelo menos quatro parcialidades Guaranis, distintas em diversos pontos, já apontados desde os trabalho de Franz Muller (1989).

A tentativa de observar as parcialidades Guaranis em termos arqueológicos não é nova. Na proposta de Branislava Susnik, os guaranis arqueológicos deveriam ser tratados de forma francesa, priorizando uma ideia de técnica que fosse capaz de caracterizar as distintas nuances no meio de mar de semelhanças materiais. Se por um lado, esta separação fosse possível naquele momento, teríamos resolvido boa parte dos problemas relativos a discussão de etnicidade em arqueologia Guarani. No entanto, mesmo com as toneladas de fragmentos de cerâmica depositados nos laboratórios de arqueologia, os estudos ainda caem na falácia de esquecer o óbvio, ou seja, que estas sociedades, antes de qualquer coisa, são plurais, e nem nos sonhos mais bizarros poderíamos pensar em uma “tradição” arqueológica nos quais os sítios desde o Mato Grosso (no Brasil) até Buenos Aires (na Argentina), em termos de espaço geográfico de norte a sul, ou mesmo do Paraguai até o litoral de São Paulo, em termos de distância leste-oeste, fossem representantes de um único grupo humano. Aliás, como se referiu Brochado (1969), uma boa representação da dispersão arqueológica Guarani seria tratá-los como “Império Romano” da pré-história brasileira, e adicionaríamos, grosso modo,

pensando nos romanos dos primeiros séculos da era Cristã, como sociedade que permuta, adapta-se, dialoga e interage com as comunidades ao qual estão se relacionando. No que concerne a sua cultura material, os Guaranis provavelmente devem ter tido diferenças ou nuances que ainda nos escapam em se tratando do estudo da cerâmica pintada, mas não é demais lembrar Susnik, que até suas últimas publicações (1975, 1979-80), se referia aos guaranis como “altoparanaenses”, “guaraienses”, “guayraenses”, “tapés”, “paranáes”, “itatines”, colocando a espacialidade enquanto demarcador, a exemplo do “achelense”, “solutrense”, “magdalenense”, etc.

Esta discussão foi rejeitada pelo PRONAPA, disfarçada pela criação de mais de 60 fases na tradição Tupiguarani que, de tanto questionadas, abririam espaço para o problema social da interpretação cerâmica, conforme Meggers e Evans (1985), o que não avançou na discussão.

Dessa forma, durante o PRONAPA negou-se, embora conscientemente, a ligação entre os grupos humanos e os artefatos arqueológicos por aqueles produzidos. Os motivos que levaram a esta conduta podem ser buscados no momento político dos anos 1960, no atrelamento e subserviência da pesquisa nacional à americana ou ainda à incipiente arqueologia científica no país (FUNARI, 1999a e b).

Ainda é importante ressaltar como este paradigma tem sido desconstruído: ou seja, como, atualmente, os pesquisadores mostram ou buscam mostrar a ligação direta, inequívoca e unilinear entre os grupos guaranis etnohistóricos e arqueológicos, baseando-se nos dados etnográficos e linguísticos.

## **O GUARANI ETNO-HISTÓRICO**

Com base nas descrições históricas, realizadas por viajantes, jesuítas, exploradores, demarcadores e toda sorte de mercenários, os arqueólogos buscam vestígios de comportamento social ou material que indiquem o modo de viver guarani (NOELLI, 1993; SOARES, 1996). Se esta proposta é amplamente válida e aceita para o período de contato com o europeu, entre 1620 e 1800 (data dos documentos mais abundantes), a extrapolação para o período imediatamente anterior ao contato torna-se uma especulação aceita, porém questionável.

Ora, se o parentesco linguístico é inquestionável, o mesmo não se pode dizer da cultura material. Baseados nos milhares de fragmentos corrugados, unglados, pintados e espatulados é que foi criada a tradição Tupiguarani. Ao mesmo tempo, se eram reconhecidas as distintas parcialidades em nível etnohistórico, esta nunca foi uma preocupação em nível arqueológico. Os dados etno-históricos, por exemplo, falam de grupos diferentes em locais diferentes e tempos diferentes. Em termos de pesquisa arqueológica, estas diferenças foram eliminadas em nome do parentesco linguístico e semelhança da cerâmica, que era o indicador cultural para os guaranis<sup>2</sup>.

É importante resgatar estes aspectos porque, no momento que se fala dos grupos guaranis, dois pontos devem ser destacados:

- Guarani enquanto língua, o que justificaria a homogeneização de Varnhagen (1876), na tradução de Montoya, ao afirmar que o dicionário é “Tesoro de la Lengua Guarani, ó más bien Tupi” (1640[1876]);
- Guarani enquanto identidade étnica, e então seria necessário remeter as parcialidades, culturais e materialmente distintas (SOARES; GARLET, 1998; MELIÀ; GRÜNBERG; GRÜNBERG, 1976; MELIÀ; SAUL; MURARO, 1987; MÜLLER, 1989).

Desta maneira, o guarani de Montoya, escrito em um local específico e momento histórico e conjuntura definida, é “alastrado” como válido e onipresente para toda a gama de elementos considerados como “cultura guarani”.

Neste ponto, defende-se, como já citado (SOARES, 1996), que os dicionários são válidos para a terminologia de parentesco e organização social, em face da necessidade, empírica e real, de manejo das relações conjugais, os casamentos e graus de parentesco permitidos.

No entanto, poucos são os dicionários que, sob esta ótica, podem ser utilizados. As gramáticas e vocabulários são, sobretudo, “para entender e ser entendido”, nas palavras do próprio Montoya. Ademais, relatam a experiência de diversos anos de catequese, servindo de compilação, momentânea, de diferentes e distintos grupos, como podemos observar (SOARES; GARLET, 1998).

Se o uso da documentação histórica é válido e deve ser perseguido, por outro lado não devemos estimular a utilização indiscriminada das fontes, criando assim um

---

<sup>2</sup> Veja os trabalhos de Brochado (1980, 1984, 1989, 1990). Os mapas linguísticos sempre foram referência para ocupação arqueológica. Ver crítica desta postura em Funari (1999<sup>a</sup>). Também discutir os limites desta identidade considerando as fronteiras étnicas propostas por Barth (1998).

guarani construído a partir de fragmentos distante espaço-temporalmente, sob pena de se montar um “Frankenstein” que nunca existiu.

Neste sentido, observe-se a ligação direta e inequívoca entre os guaranis, como grupos a-históricos indistintos, ao contrário do que apresentarei adiante. Com este exemplo observa-se, ainda, as grandes variantes culturais, mascaradas pela busca de uma grande nação guarani, com todo o ideário moderno, construído “no bojo dos estados nacionais a partir do século XVI: uma língua, uma nação, uma cultura”<sup>3</sup>.

As diferenças entre as diversas parcialidades guaranis ainda são alvo de pouca especulação e exploração no trato dos documentos até por que, no período compreendido entre os séculos XVI e XVIII, as nações são prova de reconhecimento a uma “avançada” condição de organização política dos povos tribais, percebendo-se claramente o tratamento dado aos “bandos”, “tribos” e “nações” do ponto de vista europeu.

Na visão europeia, a identificação de lideranças aos moldes ibéricos refletia a própria conduta com os parceiros europeus, de alianças e guerras de conquista. A América é só uma extensão da política ibérica, sem preocupação com a diferença cultural.

## **A CRÍTICA AO USO DE DADOS ETNO-HISTÓRICOS DOS GUARANIS**

As críticas ao uso de dados etno-históricos têm sido trabalhadas em toda produção dos que deles se utilizam como fonte para análise ou interpretação dos índios guaranis (NOELLI, 1993; SOARES, 1999). Nas críticas geralmente faz-se referência ao eurocentrismo, à mentalidade dos viajantes seiscentistas (entre o Medievo e o Renascimento), à postura em relação ao índio enquanto não humano, entre várias outras (MELIÀ, 1988). Assim, viajantes, exploradores, militares, religiosos (e toda a sorte de descrições) tem sido utilizadas por arqueólogos como fonte obrigatória e primária, quase superior à cultura material deixada pelos próprios índios.

---

<sup>3</sup> Veja crítica extensa e pertinente em Funari (1999a). Também Fausto (1997, p. 2): “O particularismo histórico e o difusionismo foram saindo de voga, sendo substituídos pelo culturalismo e pelo funcionalismo. Não se tratava mais de organizar similaridades e diferenças culturais em grande escala, mas de compreender o padrão cultural de um povo. A unidade de análise tendeu, assim, a coincidir com os grupos empíricos, formando-se o tripé: uma cultura, uma sociedade, um povo.”

Isto deve ser dito porque, se por um lado a cultura material tem sido descrita por meio da cerâmica e uns poucos líticos como artefatos arqueológicos, por outro lado a documentação histórica é batizada de “fonte primária”, como se os artefatos não o fossem. Mais adiante, retomarei este ponto longamente em detalhe.

Mesmo assim, em se tratando de cultura material e costumes, diversos dados, tidos como excêntricos ou exóticos, têm sido aceitos como válidos para a compreensão do “modo de ser” guarani.

Mesmo que se tenha realizado diversas críticas, é necessário escrever e discorrer um pouco sobre a questão da documentação histórica.

- são pontuais;
- são aleatórias;
- não são necessariamente válidas;
- são ideológicas.

São pontuais por que as informações se referem a viagens de poucos anos, de caráter exploratório, com visões idiossincráticas que relatam grupos humanos sem discernimento de grupos ou mesmo, em alguns casos, de língua. Não são raros os relatos de contatos entre europeus e índios na “língua geral”, o que inviabiliza a identificação étnica do grupo.

São aleatórias porque não sistemáticas. Desta forma, são tratados da mesma forma os documentos do início e final do século XVI, XVII e XVIII, desprezando-se, assim, o impacto direto e indireto do contato, efeitos das epidemias e endemias na organização sócio-política (NOELLI; SOARES, 1997a e b), bem como as distâncias espaço-temporais entre os informes. Sendo assim, construiu-se uma “colcha de retalhos”, nas palavras de Carlos Fausto (1992) sobre as informações disponíveis.

Não são necessariamente válidas. O exótico foi utilizado para legitimar as atividades exploratórias e colonizadoras, de forma que é sabido que parte das descrições não são verídicas ou podem ser interpretadas de forma diferente a partir dos dados coletados. Assim, nem todas as informações, em virtude da situação criada pelo contato, podem ser consideradas válidas, seja pela inocência daquele que escreve ou daquele que lê. Neste sentido, o caráter das descrições pode redundar em interpretações falaciosas ou tendenciosas por má interpretação do documento, enquanto distanciado do contexto e da conjuntura de sua escrita.

São ideológicas, no sentido que o espírito exploratório seiscentista será substituído, no olhar historiográfico, pelo colonizador. Daí parte que o “beau sauvage” rousseauiano se transforme em bárbaro sem fé, lei ou rei. Quando as alianças entre cunhados foram substituídas pela escravidão, todas as relações sociais são redimensionadas, e a organização do parentesco ainda deve ser estudada sob a ótica das mudanças pré e pós-contato. Desta forma, e devido ao desconhecimento quase completo destas mudanças, perde-se um sem número das conseqüências que estas posturas acarretam.

## **UMA PROPOSTA DE GUARANI ETNO-HISTÓRICO**

Para os exclusivos efeitos deste artigo, propõe-se estabelecer um guarani etno-histórico, ou seja, a consolidação de dados, informações e descrições a respeito de grupos guaranis ou falantes da língua guarani, distribuídos ao longo do território do Cone Sul, registrados por fontes históricas dos séculos XVI, XVII e XVIII. Segundo as fontes mais conhecidas<sup>4</sup>, esses guaranis se distribuem ao longo dos grandes cursos d’água, desde o estado do Mato Grosso até o estuário do Rio da Prata, compreendendo assim as bacias e contribuintes dos rios Paraguai, Paraná, Uruguai e Jacuí, além do litoral da região sul do Brasil, bem como as regiões nordeste da Argentina e o Uruguai (BROCHADO, 1980; 1984; 1989; 1990; 1991).

Também consideraremos como fontes válidas para o conhecimento das sociedades guaranis etno-históricas as informações advindas do período missioneiro, isto é, de 1622 a 1801, quando se estabelecem as fronteiras meridionais entre os Estados emancipados dos impérios ibéricos. Assim, propomos que as analogias etno-históricas sejam conduzidas de modo a envolver sítios próximos ou dentro do período histórico (séc. XIV a XVII), ressalvado o caso da região de pesquisa possuir informações históricas e considerando as transformações advindas do contato com os europeus.

Ainda devemos ter em conta que este guarani etno-histórico não representa o guarani pré-contato, mesmo porque, as epidemias, endemias e guerras de extermínio envolveram os índios muitas vezes antes do contato direto com os europeus, como provam os “vazios demográficos” registrados em alguns pontos. Deve-se ter em conta,

---

<sup>4</sup> Veja relação das fontes históricas em Melià, Saul e Muraro (1987); Noelli (1993) Soares (1996).

assim, que as descrições, além de todas as críticas, podem adulterar os relatos em relação ao período anterior.

## O GUARANI ETNOGRÁFICO

Embora a bibliografia jesuítica tenha sido (e ainda seja) de inestimável valor para o conhecimento das sociedades guaranis que passaram pela experiência reducional, o lapso compreendido entre os anos de 1801 e 1900 é pouco conhecido na bibliografia histórica. Para fins de analogia, a documentação jesuítica é tida como referência (sem ter caráter absoluto), do comportamento residual dos guaranis em tempos ditos modernos. Após a guerra guaraníca e o fim da administração leiga, os guaranis reduzidos são novamente objetos de estudo, frente à total ausência de dados sobre os não-reduzidos, conforme consta nas mesmas ânuas que descrevem os “tupis selvagens” na bacia Platina.

Esta observação é pertinente porque, se por um lado os guaranis reduzidos são utilizados em nível de analogia etnográfica, persiste um certo olvido quanto ao fato de que, após 1627 e a instalação definitiva no Tape, as gerações de guaranis nascidos nas missões terão maior influência reducional, essencialmente mais forte e perene que seus ancestrais. Se for notório que houve diversos traços marcantes no *ñande reko* que persistiram, por outro lado devo ressaltar que os índios da segunda fase, a partir de 1682, terão forte viés sincrético, sobretudo na religião.

Este intróito é necessário porque, a partir dos anos 1900, novas levadas de trabalhos descreverão os guaranis, agora sob a égide das distintas parcialidades atuais, os *mbyás*, os *ñandevás* e os *kaiovás*, cada qual considerando-se o mais autêntico dos guaranis, embora reconhecendo o parentesco linguístico e cultural entre eles<sup>5</sup> (SCHADEN, 1974).

A revisão bibliográfica das obras que tratam dos guaranis do final do século XIX aos meados do século XX já foi descrita em trabalho anterior (SOARES, 1997), ao qual cabe realizar a autocrítica. Se por um lado foi tomado como válido os trabalhos etnográficos para a compreensão do sistema de parentesco, por outro ainda deve-se revisitar as analogias diretas, que “resgataram” da cultura material dos parentes culturais

---

<sup>5</sup> Outras auto-designações podem ser coligidas, veja Melià, Saul e Muraro (1987).

e linguísticos elementos para compor a cultura material guarani, tendo como bom exemplo o trabalho de Métraux (1928) em sua “Culture Materielle...”.

Ademais, o uso das analogias permitiu – a diversos autores – criar um monstro de sete cabeças, ao qual cada obra etnográfica serviu para compor parte da criação de um guarani hipotético, idealizado e anacrônico, face às inúmeras parcialidades descritas e/ou conhecidas pela mesma bibliografia, conforme nos relata Gatti (1985) e avaliadas anteriormente em Soares e Garlet (1998).

Estes guaranis, descritos a partir de suas parcialidades (identificadores étnicos atribuídos pelos próprios), puderam ser, finalmente, utilizados, sendo que, pela primeira vez, um componente êmico é adotado, ao contrário das centenas de anos de pejorativos étnicos, no sentido antropológico. A partir daí, poderemos finalmente falar dos *Mbyás*, dos *Ñandevas* e dos *Kayovás*, muito embora estes termos também possam ser utilizados mais pelos outros do que na descrição própria: os *mbyás* preferem ser tratados como *avá jeguakáva tenondeguá*, ou “aqueles que primeiro foram adornados com o enfeite plumário de cabeça”, segundo Cadogan (1992).

## CRÍTICA AO USO DOS DADOS ETNOGRÁFICOS

Daí surge o problema que arqueólogos e historiadores enfrentam na utilização destes mesmos dados. Os efeitos das epidemias, endemias, redução de território e miscigenação não são tomados como elementos determinantes na composição das análises (ver NOELLI; SOARES, 1997a). Em se tratando da simplificação de termos relativamente ao parentesco, pode-se perceber a redução de mais de 50% do vocabulário utilizado para parentes, entre o século XVIII e XX (NOELLI; SOARES, 1997b).

Isto é fundamental para observar que, se a redução de termos de parentesco é notória, também infere-se a profunda mudança nas relações sociais, como é o caso do *cuñadazgo*, do compadrio, dos grupos de trabalho e categorias de idade, remanescentes pálidos que são pouco identificados nos guaranis contemporâneos (SOARES, 1997).

Daí que o uso de analogias entre os guaranis atuais para interpretação dos etno-históricos e dos arqueológicos vem sendo tratado de maneira natural, embora redunde em uma falácia cultural. Talvez pela dinâmica pós-contato, muitas vezes as sociedades pré-coloniais foram consideradas passíveis de poucas ou nenhuma alteração

significativa, em um eterno “presente etnográfico” (FAUSTO<sup>6</sup>, 1997, p. 2) que encontra defensores no discurso da longa duração de Braudel (visível em HODDER<sup>7</sup>, 1991, p. 1-26).

Por outro lado, é impossível admitir que, em períodos anteriores ao contato com os europeus, não houvesse parcialidades distintas, disputas por territórios ou trocas de objetos, impondo aos grupos um isolacionismo que os manteria “puros” até a chegada do “pomo da discórdia” branco. Ao mesmo tempo, a fragmentação das fontes históricas dilui estas informações, por desconhecimento, eurocentrismo ou mesmo insignificância desses dados para os objetivos de cada relato.

Então, a partir dos dados etnográficos, serão resgatados elementos que devem ter sido “duradouros”, indicando a continuidade do *habitus* pré-colonial, descartando ou descaracterizando as mudanças, ressignificações e ressemantizações que possam ter ocorrido.

## DEFININDO OS GUARANIS ETNOGRÁFICOS

Propõe-se, para fins exclusivos deste artigo, que a utilização de dados etnográficos seja explícita dentro das fontes a partir do início do século XIX. As descrições, etnografias, compilações, bem como as relações nas quais é possível detectar a parcialidade ou grupo devem ser exaustivamente comentadas, apuradas e citadas. Assim, considera-se como guarani etnográfico aquele do qual é possível rastrear elementos como a parcialidade, local de registro, enfim, descrição de aspectos da cultura que o diferenciam de outros grupos de mesma língua, hábitos e outras informações que auxiliem a interpretação do guarani arqueológico. Sob pena de reconstruir um novo “Frankenstein” guarani, é necessário que maiores níveis de refinamento permitam separar, ao menos no primeiro momento, as informações etnográficas das etno-históricas.

Em termos de arqueologia, deve-se lembrar que as etnografias são “instantâneos”, registros fotográficos que não significam, necessariamente, a realidade do grupo em questão. Longos ciclos naturais ou culturais podem ser omitidos por

---

<sup>6</sup> Anais do IX congresso da sociedade de Arqueologia Brasileira, (1997) 2000, CD-Rom.

<sup>7</sup> O conceito de longa duração é apropriado do conceito de Braudel pouco estudado em arqueologia, qual seja, a ‘longa duração’, da qual Hodder utiliza como parâmetro para análise de sociedades ágrafas.

pesquisadores bem intencionados como, por exemplo, os ciclos de colheita de certas frutíferas ou passagem da adolescência à fase adulta. Assim, propõe-se que o uso dos dados etnográficos sirva para compreensão e suporte analógico da sociedade guarani, mas não em substituição dos dados arqueológicos, escassos e repetitivos. Além disso, se por um lado as etnografias dos guaranis do Paraguai são abundantes, até o momento é bastante difícil separar, mesmo nelas, o que é residual ou aquilo que resulta de adaptação, ressignificação ou ressemantização. Desta forma, dados etnográficos podem e devem ser explorados, mas situados espaço-temporalmente na busca de analogias que, dentro dos limites citados, sejam usados.

## **ARQUEOLOGIA GUARANI**

O mais irônico da arqueologia guarani inicia pela sua história. Um relato exaustivo poder ser apreciado em Noelli (1993), e neste caso vale a pena repeti-lo. O final do século XIX e o início do XX possibilitaram o aparecimento de uma série de autodatas e cientistas de diversas áreas que perceberam a ligação mais que aparente entre os vestígios arqueológicos e as sociedades indígenas.

Desencontrados e em número reduzido, os arqueólogos amadores descreviam as peças mais pelo seu fascínio estético que propriamente por seu valor arqueológico, entendido que o período era de amplo colecionismo em todo o mundo.

É no bojo deste pensamento que os museus investirão pesadamente na formação de coleções arqueológicas e a busca de artefatos para exposição permanece veladamente em diversas instituições. Em consequência disso, são conhecidos milhares de sítios arqueológicos guaranis, mas muito pouco de seu conteúdo (sobre os períodos da arqueologia brasileira, ver Funari (1999b).

Neste sentido, aparecem as falhas e lapsos da arqueologia guarani, tomada, até hoje, como disciplina auxiliar da história, da etno-história ou da etnografia dos diversos grupos Guaranis. As escavações de sítios considerados Guaranis somam algumas centenas de metros, porém, mais das vezes isoladas em sondagens ou poços-testes, algumas centenas de metros de trincheiras e raras escavações controladas com plotagem tridimensional dos artefatos.

Isto redundando em um conhecimento sobre a sociedade guarani, do ponto de vista arqueológico, frágil, tênue, diminuto e circunscrito a poucas vasilhas e milhares de fragmentos de cerâmica. Embora com muitos detratores, o fóssil-guia “cerâmica corrugada” continua sendo o parâmetro para classificação de um guarani etéreo, inconsistente e ambíguo, no próprio sentido da cultura material, haja vista que os sítios com cerâmica são guaranis, os que apresentam líticos são intrusivos e os que apresentam outras cerâmicas são por troca, re-ocupação, abandono ou outra explicação qualquer.

O que critica-se é o uso indiscriminado destes dados para períodos muito recuados no tempo, em face das datas apresentadas. Isso desconsidera ou minimiza a dinâmica interna dos grupos, as diferenças entre eles, os aspectos ambientais como mudança climática, as questões sociais inter e extra grupais, entre outros.

Não se afirma que os dados são inválidos. Eles apenas devem ser utilizados como modelos para sítios com datas do período histórico ou imediatamente anterior (séc. XIV e XV) que, no conjunto de datações publicadas, são a minoria. Funari e Zarankin consideram perigoso subordinar o estudo da cultura material aos documentos históricos, uma vez que estes são práticas discursivas que atendem interesses e motivações específicas.

[..]. En términos más generales, la propuesta de un discurso específicamente arqueológico permite evitar los peligros de acercamientos no adecuados para trabajar con cultura material. La materialidad de la evidencia arqueológica significa que no podemos sencillamente intentar adecuarla a las informaciones de las fuentes textuales antiguas, pues así estaremos distorsionando los datos materiales, para que confirmen discursos surgidos de las fuentes escritas. Al contrario, la cultura material constituye un elemento central de acción en el mundo (FUNARI; ZARANKIN, 2001).

Em face disso, deve-se buscar, nos dados inteiramente arqueológicos, um tratamento arqueológico para a arqueologia guarani. Embora redundante, é necessário, pois vemos os tipos de dados que as outras ciências disponibilizam e a fragilidade do uso destas informações.

Alguns exemplos esparsos foram sumariamente descartados, pelo fato de não atenderem aos paradigmas de sua produção, como é o caso das sugestões de Miller e Brochado, em suas correspondências pessoais, referente a arqueologia do vale do rio

Uruguai<sup>8</sup>. Por meio dos levantamentos sistemáticos e das coletas aleatórias e totais, em diversos momentos buscaram-se “particularidades” na composição do material, como a predominância de alguns tipos específicos de tratamento de superfície inexistentes em outras áreas, como o penteado identificado no médio-alto Uruguai.

Além disso, deve-se ter em conta que o desmembramento da tradição Tupiguarani nas subtradições Guarani e Tupinambá seguiu critérios pouco conhecidos. Brochado (com. pessoal<sup>9</sup>, 20/10/2001) afirma que a divisão baseou-se em critérios geográficos e históricos, haja vista a ausência de uma descrição farta da arqueologia dos grupos de língua Tupi no litoral nordeste e sudeste do país. Não podemos esquecer que a língua não representa, necessariamente, cultura e, ademais, filiação linguística não é, obrigatoriamente, parentesco. O uso da língua como demarcador de ‘povos’ tem suas raízes no século XIX, e deve ser tomado com extremo cuidado (FUNARI, 1999a, 2000), mesmo porque diferenças de língua não implicam em diferentes técnicas (o que caracteriza uma Tradição Arqueológica) nem condiciona que povos de línguas diferentes tenham a mesma cultura material.

As outras informações sobre os guaranis arqueológicos advêm de publicações científicas, infelizmente em sua maior parte descritiva, que “anexam” os dados arqueológicos as fontes históricas e etnográficas (SCHMITZ, 1991; SCHMITZ et al., 1990; KLAMT, 1996, entre outros), concentrando os trabalhos em duas partes, onde a apresentação do material arqueológico segue as possibilidades de analogia histórica.

## **CRÍTICA E SUGESTÃO PARA A ARQUEOLOGIA GUARANI**

Desta forma, uma arqueologia “explicitamente” guarani a partir dos dados arqueológicos é praticamente inexistente, posto que se desconsideram, dentre outros elementos:

- As diferenças espaciais: Scatamachia (1990) aponta diferentes formas de vasilhas da subtradição Guarani como grandes marcos geográficos, flutuações que podem indicar grupos distintos ou derivas culturais causadas por isolamento.

---

<sup>8</sup> Correspondência depositada no Museu Diretor Pestana, Ijuí- RS. Datiloscritos.

<sup>9</sup> Desde sua aposentadoria involuntária mantenho contato com o Prof. Brochado. Via de regra são conversas em sua residência, de forma que é possível precisar a data exata de cada comunicação.

- Diferenças temporais: as vasilhas, no seu conjunto, são tratadas de forma ahistórica sendo que, até o momento, não sabemos que são contemporâneas ou não, de produção local ou advinda de outras formas (troca, comércio, etc.).
- Diferença de ambientes: embora considerados como agricultores de floresta tropical, o intervalo entre as datas mais antigas e recentes deve ser tomado com cautela sobre a permanência e continuidade do modelo florestal, considerando variações climáticas ocorridas nos últimos dois mil anos.
- As distintas altitudes (do nível do mar a mais de 700 metros acima deste) e possíveis expansões-retrações da flora/fauna local.
- As possibilidades de pesquisa em demografia, antropologia física, manejo agro-florestal, dentre outras.

Sendo assim, foram retomadas quase que ingenuamente as ligações entre os guaranis arqueológicos, os etnográficos e os etno-históricos, olvidando questões como expansão, guerras, migrações, ocupação de ambientes diversos, distância temporal e suas consequências.

Não pretendo fazer “terra arrasada” da arqueologia guarani. Se por um lado a teoria arqueológica se pauta pelo pós pós-processualismo em outros lugares, no Brasil a arqueologia guarani ainda não se desvinculou do histórico-culturalismo, quando muito revisitando o determinismo ecológico e/ou cultural (cf. FUNARI, 1999a, 2000).

## **POR UMA ARQUEOLOGIA GUARANI**

Cabe, num primeiro momento, para manipulação dos conceitos e uma tentativa de definição, utilizar o termo “arqueologia guarani”, onde pretendo:

Subtrair um conceito de denominação étnica, por ora, uma vez que instâncias de influências culturais (‘guaranização’), flutuação de território e contato interétnico são impossíveis de delimitação no momento.

Considerar que o compartilhamento da língua Guarani NÃO seja o único demarcador para tratar de sociedades Guaranis: em trabalho anterior (SOARES, 1996; 1997) mostro as possibilidades de guaranização de grupos não-guaranis e imposição de língua, cultura e *ethos*. Isto reforça o cuidado entre a associação língua-cultura material.

Considerar os aspectos resgatáveis destas sociedades, qual sejam, os ecofatos, biofatos e artefatos, aqui representados por ambiente, implantação/alterações no meio, objetos produzidos/utilizados, solo de ocupação e vestígios bio-antropológicos passíveis de análise.

Fatores pouco explorados na Arqueologia como um todo, como as guerras, migrações, contatos interétnicos, impossíveis de serem considerados através das sondagens e poços-testes realizados. O que percebe-se é que artefatos atribuídos a Tradições diferentes no mesmo nível artificial são tomados como comércio, descartando-se contextos mais amplos e perturbação dos sítios. Para uma definição destes elementos, escavações amplas, contextos bem definidos, análises petrográficas e de assinatura química (para a argila) e de origem geológica (para os líticos) são necessários para estabelecer a origem dos artefatos. Conjuntos de datações, ao invés de uma ou duas por sítio, poderão indicar re-ocupação/abandono imediato, para o caso de guerras, associados a transição de Tradições arqueológicas distintas, mas bem conhecidas; contatos interétnicos devem ser analisados através de coleções ósseas de indivíduos, por meio de análise genética, já existente no Brasil; não podemos esquecer que, no mais das vezes, a escavação é realizada primeiro, e a teorização depois: daí que primeiro se escava e depois se estabelecem os problemas, invertendo a lógica da pesquisa arqueológica.

Ao mesmo tempo, é impossível negligenciar os dados históricos, etnohistóricos e etnográficos existentes.

Desejo definir a Arqueologia Guarani, por ora, por meio dos seguintes parâmetros:

Conjunto de artefatos líticos e cerâmicos, sendo possíveis encontrar sítios arqueológicos Guaranis sem cerâmica, qual sejam: locais de extração de matéria-primas (lítico, argila, etc.)

Ausência de padrão de implantação geomorfológico. Existem assentamentos em encostas e topos de colinas suaves (RS, PR, SC, SP) e em larga escala em várzeas de grandes rios (em toda área de ocupação Guarani), mas também próximos a afluentes; distância entre 300 metros e 10 quilômetros dos grandes cursos d'água, mas nunca a menos de 100 metros. Desta forma, determinar um padrão de ocupação geomorfológica entre os Guaranis é absolutamente impossível.

Predomínio das formas fundas sobre as rasas<sup>10</sup>, de seção tronco-cônica, de boca redonda ou arredondada, fundo arredondado para vasilhas pequenas e cônico para as médias e grandes; Presença de bordas extrovertidas e em ângulo, com vários ombros nas tigelas de beber e talhas.

Pintura externa nas tigelas de beber (cambuchi caguaba) e talhas (cambuchís), acima do diâmetro máximo, geralmente acima da metade da altura. Podem ocorrer pinturas internas em pratos (ñaembé ou ñaembiru), de dimensões pequenas (até 20 cm de diâmetro).

Número limitado de pratos rasos, e embora citado no dicionário de Montoya, a presença de assadores (ñamopiû) rasos ou planos é praticamente inexistente, levantando a hipótese de não fabricação de farinha de beiju ou era realizada em tigelas (ñaetás) (cf. NOELLI; TRINDADE; SIMÃO, 1997, p. 05).

Estas definições são provisórias mas necessárias, principalmente por que atendem um problema específico, qual seja a delimitação, até a realização de pesquisas arqueológicas sistemáticas, do que vem a ser a arqueologia Guarani, em oposição principalmente a sua aparentada tupinambá, seja por terem sido enquadradas em Tradição Tupiguarani pelo PRONAPA, seja por que a região, como fronteira cultural, apresenta influências de ambas, sendo necessário um ponto de partida para a classificação em uma ou outra “área cultural”.

Enfim, quando propomos que a pintura cerâmica pode ser um demarcador étnico, é considerando a gama de variações existentes entre as pinturas, as formas, os fundos (mais cônicos ou mais redondos), a área da vasilha pintada e principalmente os motivos das pinturas, nos quais um trabalho ainda por ser realizado possa determinar com mais exatidão as predominâncias dos motivos, bem como hipóteses interpretativas para o universo bidimensional que são as representações de pinturas.

Dito de outra forma, é necessário fazer estudos que aliem as grandes coleções existentes em museus e centros de pesquisa com a sistematização de informações básicas, porém ainda não estudadas com rigor. Uma interpretação única da pintura cerâmica seria leviano e certamente limitado, uma vez que, ao tratarmos de grupos humanos em sociedades complexas, qualquer afirmação em relação ao significado dos símbolos é bastante temerário. Porém, algumas ações iniciais, como o isolamento dos

---

<sup>10</sup> Para a discussão sobre estes termos, ver Scatamachia, Caggiano e Jacobus, 1991:90; Noelli, Trindade e Simão, 1997 [2000].

motivos das pinturas, as áreas de predomínio dos motivos, a existência ou não de relações entre pintura e forma da vasilha, são apenas algumas das questões que podem ser levantadas a baixo custo, mas que podem abrir caminhos para a comprovação ou refutar a manifestação de parcialidades, de modismos, de representações antropomórficas, entre outras tantas possibilidades, para a atribuição de significado as pinturas em cerâmica guarani. Um exemplo simples refere-se as grandes vasilhas consideradas “urnas funerárias” pelos arqueólogos. (Em primeiro lugar, a urna é um segundo uso; seu uso original é sempre a conservação ou armazenagem de líquidos, fermentados ou não. Não existe uma categoria “urna funerária”, pois neste caso o que serve de esquite é antes de tudo uma talha para bebidas). As vasilhas grandes, talhas pintadas, geralmente têm ombros e várias cinturas, bem como lábio que pode ser introvertido ou extrovertido; em nossa pesquisa sobre vasilhas, podemos observar, no estado do Rio Grande do Sul, que há SEMPRE uma faixa ou linha vermelha que separa as cinturas acima do diâmetro máximo. Já levantamos a hipótese de que estas vasilhas sejam pintadas acima do diâmetro máximo (ou cintura) por ficarem enterradas no chão (se para manter o conteúdo fresco ou outra função, ainda não sabemos). Ora, no caso das pinturas, podemos observar que além das linhas vermelhas que separam as cinturas, nota-se que os ângulos “negativos”, ou seja, aqueles que não aparecem a área pintada em vista de cima, são SEMPRE pintados de vermelho. As questões que esta frequência ocorre pode atizar a curiosidade do pesquisador, mas enfatizados que, sobretudo, estas áreas estão separadas, ou seja, delimitadas por estas linhas vermelhas. Há que se pensar que o matiz de cores dos guaranis são poucos, reduzindo-se ao vermelho (ou ocre), o amarelo, o branco e o preto. No entanto, somente o vermelho é utilizado para tal separação de áreas de pintura.

Assim, acreditamos que um pouco mais de ousadia deve ser considerada para a análise da pintura cerâmica Guarani arqueológica. Longe de buscarmos interpretações, afirmando que este ou aquele grafismo pode ser associado a uma representação fechada de um elemento, acreditamos que a sistematização dos elementos gráficos ainda podem nos trazer surpresas, e como dito acima, assim como não podemos pensar em uma sociedade monolítica no tempo ou no espaço, não podemos esquecer que são sociedades muito complexas, nos deixando assim mais dúvidas que certezas, que devem igualmente serem partilhadas.

## REFERÊNCIAS

BROCHADO, José Proenza. A expansão dos Tupi e da cerâmica da tradição policrômica Amazônica. **Dédalo**, n. 27, p. 65-82, 1989.

BROCHADO, José Proenza. A Tradição cerâmica Tupiguarani na América do Sul . **Clio**, n. 3, p. 47-60, 1980.

BROCHADO, José Proenza. **An Ecological Model of the Spread of Pot tery and Agriculture Into Eastern South America**. Urbana-Champaign. University of Illinois at Urbana- Champaign. PhD Tesis. 1984.

BROCHADO, José Proenza. Um modelo ecológico de difusão da cerâmica e da agricultura no leste da América do Sul. Anais do I Simpósio de Pré-história do nordeste brasileiro. **Clio**, Série Arqueológica, n. 4, p. 85-88, 1991.

BROCHADO, José Proenza; MONTICELLI, Gislene; NEUMANN, Eduardo. Analogia Etnográfica na reconstrução gráfica das Vasilhas Guarani Arqueológicas. **Veritas**, Porto Alegre, v. 35, n. 140, p. 727-743, dezembro 1990.

CADOGAN, León. Dicionário Mbya-Guarani Castellano. **Biblioteca Paraguaya de Antropología**, Asunción, v. XVII I, 1992.

FAUSTO, Carlos. Fragmentos de história e cultura tupinambá: da etnologia como instrumento crítico do conhecimento etnológico. In: CARNEIRO DA CUNHA, Manuela (Org.) **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Fapesp/Cia. das Letras, 1992, p. 381-396.

FAUSTO, Carlos. O conceito de cultura e o hiato entre disciplinas. **Anais do IX congresso da sociedade de Arqueologia Brasileira** [1997], Rio de Janeiro, agosto de 2000, CD-Rom.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. Linguística e Arqueologia, **DELTA (Revista de Estudos de Linguística Teórica e Aplicada)**, v. 15, n. 1, 161-176, 1999a.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. Brazilian archaeology, a reappraisal. In: POLITIS, G.; ALBERTI, Benjamin (Eds.). **Archaeology in Latin America**. London & New York: Routledge, 1999b, p. 17-37.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. Abreu Public archaeology from a Latin American Perspective. **Public Archaeology**, n. 1, 239-243, 2001.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu; ZARANKIN, Andrés. Algunas consideraciones arqueológicas sobre la vivienda en Pompeya, **Gerión**, n. 19, p. 493-512, 2001.

GATTI, Carlos. **Enciclopedia Guarani-Castellano de Ciencias Naturales y Conocimientos Paraguayos**. Asunción: Arte Nuevo Editores, 1985.

HODDER, I. **Reading the Past**. Current approaches to interpretation in archaeology. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

KLAMT, Sérgio. **A Tradição Tupiguarani no Médio Jacuí**. 1996. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 1996.

MEGGERS, Betty; EVANS, Clifford. A utilização de sequências cerâmicas seriadas para inferir comportamento social. **Instituto de Arqueologia Brasileira**, Boletim Série Ensaios, Rio de Janeiro, n. 3, setembro/85, 1985.

MELIÀ, Bartomeu. **El Guaraní Conquistado y Reducido**. Ensayos de Etnohistória. 2. ed. Asunción: Biblioteca Paraguaya de Antropología; CEPAG; Univ. Católica, [1986], 1988. v. 5.

MELIÀ, Bartomeu; GRÜNBERG, G.; GRÜNBERG, F. Los Pai -Tavyterã. Etnografía Guaraní del Paraguay Contemporáneo. **Suplemento Antropológico**. Universidad Católica 'Nuestra Señora de la Asunción'. v. XI, n. 1-2, 16, p. 151-295, 1976.

MELIÀ, B.; SAUL, J.; MURARO, V. **O Guaraní, uma Bibliografia Etnológica**. Santo Angelo, Fundação Pró-Memória. FUNDAMES. 1987.

MÉTRAUX, Alfred. **La Civilisation Matérielle des Tribus Tupi -Guaraní**. Paris: Librairie Orientaliste, 1928.

MONTOYA, António Ruiz de. Arte vocabulário, Tesoro y Catecismo de la Lengua Guaraní, por Antonio Ruiz de Montoya, publicado nuevamente sin alteración alguna por Júlio Platzmann, 4 tomos. Leipzig, B.G. Teubner, 1876.

MONTOYA, António Ruiz de. Vocabulário y Tesoro de la Lengua Guaraní o más bien Tupi, I: Vocabulário guaraní (o tupi)-español. Nueva edición: Viena, Faesy y Frich; Paris, Maisonnueve y Cia. 1876 [1640]. Edición organizada por F.A. Vernhagen, Visconde de Porto Seguro.

MÜLLER, Franz. Etnografía de los Guaraní del Alto Paraná. Societatis Verbi Divini, Argentina, 1989.

NOELLI, Francisco Silva. **Sem tekohá não há teko**. (Em busca de um Modelo Etnoarqueológico da Aldeia e da Subsistência Guaraní e sua Aplicação a uma Área de Domínio no Delta do Jacuí -RS).1993. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 1993.

NOELLI, Francisco Silva; SOARES, André Luis R. Para uma História das Epidemias entre os Guaraní. **Diálogos**, v. 1, p. 165-78, 1997a.

NOELLI, Francisco Silva; SOARES, André Luis R. Efeitos da conquista européia na terminologia e organização social Guarani. **Cadernos do METEP**, v. 8, p. 383-397, 1997b.

NOELLI, Francisco Silva; TRINDADE, Jane Aparecida; SIMÃO, Ana Paula. Primeiras análises sobre a funcionalidade e a frequência da cerâmica de um sítio arqueológico Guarani da lagoa Xambrê – Paraná. **Anais do IX congresso da sociedade de Arqueologia Brasileira** [1997], Rio de Janeiro, agosto de 2000, CD-Rom.

PALLESTRINI, Luciana. Interpretação das estruturas arqueológicas em sítios do Estado de São Paulo. **Coleção do Museu Paulista**, Série Arqueologia, São Paulo, v. 1, p.1-208, 1975.

SCATAMACHIA, Maria Cristina M. **A Tradição Policrômica no Leste da América do Sul evidenciada pela ocupação Guarani e Tupinambá**: Fontes Arqueológicas e Etnohistóricas. 1990. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, 1990.

SCHADEN, Egon. **Aspectos Fundamentais da Cultura Guarani**. 3. ed. São Paulo: Ed. da USP, 1974.

SCHMITZ, Pedro Ignácio. Migrantes da Amazônia: a Tradição Tupiguarani. In: Pré-História do Rio Grande do Sul, **Documentos 5**, Unisinos, São Leopoldo, 1991.

SCHMITZ, P. I.; ARTUSI, L.; JACOBUS, A.; GAZZANEO, M.; ROGGE, J.; MARTIN, H.; BAUMHARDT, G. Uma aldeia Tupiguarani. Projeto Candelária, RS. **Documentos 04**, p. 1-135. IAP. São Leopoldo. 1990.

SOARES, André Luis R. **Guarani**: Organização Social e Arqueologia. Porto Alegre: EdUPUCRS, 1997.

SOARES, André Luis R. **Organização Sócio-Política Guarani**: Aportes para a Investigação Arqueológica. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 1996.

SOARES, André Luis R. Os horticultores Guaranis: problemáticas, perspectivas e modelos. In: QUEVEDO, Júlio (Org.) **Rio Grande do Sul**: quatro séculos de História. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1999, p. 61-101.

SOARES, André Luis R.; GARLET, Ivori. Parcialidades Guarani: Em busca de uma visão diacrônica. **Histórica**, Revista da Associação dos Pós -Graduandos em História da PUCRS, Porto Alegre, n. 03, p. 53-58, 1998.

SUSNIK, Branislava. **Los Aborígenes de Paraguay**. Tomo II, Etnohistória de los Guaraníes. Época Colonial. Asunción, Museo Etnográfico 'Andrés Barbero. Paraguay. 1979/80.

SUSNIK, Branislava. **Dispersión Tupi-Guarani Pré-Histórica. Ensayo Analítico**. Asunción: Museo Etnográfico Andrés Barbero, 1975.

**VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. L'origine touranienne des Américains Tupis-Caribes et des anciens égyptiens, montrée principalement par la philologie comparée; et notice d'une ancienne migration en Amérique, invasion du Brésil par les tupis. Viena: Lib. I. et R. de Faesy & Frick, 1876.**